





Laura, Tamara e Marininha Klink

fotografias Marina Bandeira Klink ilustrações Zinne



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) DE ACORDO COM ISBD

K65f Klink, Laura

Killik, Laura Férias na Antártica: Livro do estudante / Livro do professor / Laura Klink, Tamara Klink, Marininha Klink ; ilustrado por Zinne. - 3. ed. -São Paulo : Peirópolis, 2021.

ISBN: 978-65-5931-100-2 (Livro do estudante) ISBN: 978-65-5931-101-9 (Livro do professor)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Meio ambiente. 3. Viagem. I. Klink, Tamara. II. Klink, Marininha. III. Zinne. IV. Título.

2021-4744

CDD: 028.5 CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático: 1. Literatura infantojuvenil 028.5 2. Literatura infantojuvenil 82-93

2021, 3ª Edição



m fevereiro de 2006, concluímos a nossa primeira viagem antártica com as crianças a bordo. Experiência que surpreende a de comandar filhos próprios e de terceiros num ambiente borbulhante, pouco previsível, onde se pode conhecer e aprender ininterruptamente. Imaginei que seria uma bela experiência para tão inquietas e curiosas criaturas. Foi. Não imaginei o quanto seria importante para nós adultos o ofício de, ao ensinar, aprender. Vinte anos de viagens regulares ao continente antártico me ensinaram menos do que essas intensas, breves semanas de andanças e convivência. Retornamos nas temporadas seguintes, em todas, pra descobrir que era muito pouco o que sabíamos, que havia tanto e tantos para ver. Tantas perguntas, luvas esquecidas, botas molhadas, espécies de nomes difíceis; tantos encontros, artistas, autores brilhantes, pesquisadores em dúvida, viajantes ousados. Tantos outros modos de ver o que eu supunha conhecer.

Um desses modos é este pequeno livro que fiz questão de não abrir até que suas autoras o mostrassem já pronto. Para um pai viajante, calejado de surpresas, devorador de grandes e pequenos livros, foi uma grande surpresa. A maior que já tive.

Amyr Klink









O Paratii 2 é nossa casa flutuante.



PARTIR

Nascemos numa família que gosta de viajar de barco, e muito. Crescemos enquanto nosso pai construía um novo veleiro, o Paratii 2. Pessoas que nunca tinham visto um barco antes também participaram da sua construção, que aconteceu devagar, longe do mar e com muito esforço. Quando ficou pronto, tornou-se famoso pelas viagens que fez e por ser um dos barcos mais modernos do mundo. Nossa mãe sabia que o barco era seguro e que poderia levar toda a nossa família. Então pediu para irmos todos juntos numa próxima vez e nosso pai concordou! Ficamos felizes porque, finalmente, não ficaríamos na areia da praia dando tchau.

Partimos para uma longa viagem e deixamos nossos avós com saudades. Viajamos para um lugar que muitas pessoas nem imaginam como é. Para chegarmos lá, balançamos para cima e para baixo, para um lado e para o outro, com movimentos nem um pouco agradáveis, nada parecidos com os que experimentamos em terra firme.

Fomos para um continente que não tem dono, bandeira ou hino, onde sentimos temperaturas abaixo de zero. Dizem que ali é tudo branco e só tem gelo, mas enquanto viajávamos fomos descobrindo muitas cores e diferentes tons de branco.

Sempre nos perguntam: "O que vocês fazem lá?" "Tudo!" é a nossa resposta. É um lugar muito especial chamado Antártica. E por que é tão especial assim?

Leia este livro e descubra.



KIT DE SOBREVIVÊNCIA

Todo lugar é especial e interessante para se começar uma história. Esta começa no nosso quarto. É lá que fica o armário onde fazemos nossas primeiras "escavações" para achar tudo o que precisamos levar. E não são poucas coisas! Luvas, gorros, capas, roupas grossas, roupas de tecido que grudam no corpo (segunda pele), botas, óculos escuros, protetor solar... Nada pode ser esquecido, porque na Antártica não tem nenhuma lojinha para comprar o que deixamos para trás.

Aprendemos com a nossa mãe que não existe tempo ruim; existe roupa inadequada. Ela nos contou que em uma de suas viagens para lugares frios encontrou uma moça com seu bebê na rua. Acostumada a ver crianças passearem em dias ensolarados tipicamente tropicais, ela ficou impressionada ao ver um pequeno bebê passeando tranquilamente em seu carrinho pela rua coberta de neve, que mais parecia uma imensa "geladeira", ao invés de estar bem quentinho dentro de casa. Mas não havia com que se preocupar, pois o bebê estava com a roupa certa para aquele inverno rigoroso.

A preparação dessa viagem exige atenção com a segurança o tempo todo. Estar seguro na Antártica é diferente de estar seguro na cidade. Numa cidade, parece que tudo está perto, inclusive os guardas que multam, os carros e os perigos. Na Antártica, ganhamos liberdade. Mas sempre temos que ter o cuidado de nos proteger do frio e da fome. Para enfrentar o que vem pela frente temos que estar sempre bem preparados.

SE O DRAKE NÃO EXISTISSE

Uma parte inesquecível dessa viagem é a travessia do Drake. O encontro das águas do oceano Pacífico com o Atlântico deixa o mar muito instável, e nossos estômagos ficam bastante remexidos. Não dá vontade de fazer nada... Ficar na cama o dia inteiro é a melhor opção. Ficamos dois ou três dias sem comer, só tomando líquidos, e mesmo assim em pouca quantidade. Mas isso é bom porque ficamos com menos vontade de ir ao banheiro. Levantar da cama com o barco chacoalhando de um lado pro outro não é uma das coisas mais fáceis de se fazer!

E banho? Se você acha que ficamos livres dele todos esses dias, acertou! Num clima tão frio e seco, quase não transpiramos e todo mundo acaba dando férias para o chuveiro. E o melhor é que ninguém reclama...

Sorte de quem não se sente mal e consegue ficar no convés do barco admirando o voo dos pássaros que nos acompanham durante quase toda a travessia. São petréis gigantes e albatrozes que, por gostar de voar com vento forte, planam alto no céu e rente ao mar. As pequenas pombas-do-cabo, curiosas, seguem-nos o tempo todo, mesmo quando não tem vento.

O día do banho começa com a nossa mãe no fogão, esquentando água na panela. Usamos uma esponja para nos lavar, assim gastamos pouca água e economizamos o estoque de água doce do barco, que deve ser usado para outras coisas, como cozinhar e escovar os dentes.

Tamara

Agora eu acho que sei por que meu pai quis ficar um ano na Antártica. Foi para não cruzar o Drake duas vezes no mesmo ano!

Marininha



CHEGAMOS?

Quando deixamos a América do Sul rumo à Antártica, passamos pelo extremo sul do continente americano, o famoso Cabo Horn. A partir dali, navegamos pelo Estreito de Drake. Com muito mar pela frente, estamos sempre acompanhados por muitas aves marinhas, principalmente petréis e albatrozes.

Conforme nos aproximamos da Antártica, a água vai esfriando, ficando mais densa e o alimento começa a ficar mais concentrado, atraindo um número maior de animais. É como se entrássemos num enorme carrossel de animais e icebergs que flutuam em volta do continente antártico. Esse cinturão azul que abraça o continente é chamado de Convergência Antártica. Ali sabemos que estamos mais perto do nosso destino do que de casa, e temos a sensação de que a viagem dos nossos sonhos está acontecendo.

Depois de cruzarmos o Drake – que é a parte chata porque todo mundo passa mal no barco –, nossa ansiedade aumenta ainda mais. Alguns sinais indicam que finalmente estamos chegando: não vemos mais albatrozes no céu, sentimos o vento gelado no rosto e não dá mais para ir do lado de fora sem luvas e gorros. Começamos a ver grupos de pinguins saltando para fora da água e focas se exibindo no mar.

Quando nosso pai diz que já é possível encontrar um iceberg no caminho, a gente fica mais tempo do lado de fora do barco fazendo companhia para ele no frio. Achamos que ele gosta de sentir frio. Nós gostamos só um pouquinho e logo queremos voltar para o calor da cabine. Mas como esse é um momento especial, temos um combinado no barco: quem avistar o primeiro iceberg da viagem ganha um prêmio. Assim a gente sente coragem de ficar mais tempo no frio!





Sentimos que estamos chegando quando saímos do horizonte vazio e as coisas começam a acontecer. Tudo começa a mudar.

Tamara

Ao nos aproximarmos da Antártica, navegamos com muito cuidado.

Aparece um animal, outro, e quando vemos um iceberg é porque estamos chegandos

Marininha

A gente fica louca pra chegar!

Laura

OS INCRÍVEIS ICEBERGS

Quanto mais nos aproximamos da Antártica, maior é o número de icebergs. Eles vão surgindo, com formatos e tamanhos diferentes. O que varia bastante também são as cores. É, as cores! Dependendo da posição do sol, das condições climáticas do dia, do tamanho do iceberg, da largura da parede de gelo, da densidade e de outros elementos, um iceberg pode ser muito diferente do outro.

Mesmo de longe, eles são muito diferentes. Não são apenas blocos de gelo. Cada um é único. São tons de branco, cinza, azul e verde muito diferentes dos que estamos acostumados a ver no Brasil. Leva um tempo pra gente se acostumar. A água vai batendo pouco a pouco no iceberg e o gelo vai se moldando, sendo esculpido em pontas, rampas, pequenas piscinas e cavernas. Formam-se até pontas de gelo que lembram estalactites, que a gente pode pegar com as mãos e brincar de "picolés de gelo"!

Muita gente conhece a frase "isso é apenas a ponta do iceberg", que usamos para dizer que tem muito mais do que parece em alguma coisa. Isso acontece porque a parte do iceberg que está acima do mar corresponde a apenas 30% do seu total; o resto está submerso. Esse fato também é conhecido, mas ver icebergs ao vivo nos leva a pensar em coisas que nem todo mundo pensa: quando um iceberg derrete, ele vai subindo ou capota e mostra a parte que estava debaixo d'água?

É difícil descrever um iceberg.

Ele tem muitos detalhes e
não se parece com nada que eu
já tenha visto antes. Já vimos
icebergs com muitas formas, como
grandes monstros, carros, pássaros,
cachorros e até mesmo castelos
flutuantes. É muito divertido ficar
olhando...

Marininha

